



O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 7625 | Salvador, segunda-feira, 11.02.2019

Presidente Augusto Vasconcelos



BANCOS

Apenas o alto escalão na boa

**Golpe por dentro
das instituições,
diz sociólogo**

Página 2

No sistema financeiro, só o alto escalão está na boa, ganhando muito dinheiro. No ano passado, Itaú, Bradesco e Santander distribuíram R\$ 36,8 bilhões aos acionistas, 61,7% do lucro das três empresas. Enquanto isso, os bancários penam nas agências, em condições de trabalho inadequadas e sobrecarregados. Página 3

JOÃO UBALDO



Na Caixa 2 de Julho, debate sobre os impactos negativos da CGPAR 25: aposentadoria sob ameaça

**COM A CGPAR 25,
O PRÓXIMO
ALVO É A SUA
APOSENTADORIA.**

Sindicato alerta sobre os impactos da CGPAR na Funcef

Página 4



Democracia de baixa qualidade

Autor do recém lançado livro *Para onde vai a política brasileira? Um breve ensaio sobre a crise de representação e o pós-impeachment*, o sociólogo Cláudio André de Souza defende a ideia de que houve um golpe por dentro das instituições e que o Brasil vive hoje uma democracia de baixa qualidade. Professor de Ciência Política da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), em entrevista exclusiva a **O Bancário** ele diz que o capitalismo enfrenta uma grave crise e que o socialismo precisa se reinventar.

ROGACIANO MEDEIROS imprensa@bancariosbahia.org.br

O BANCÁRIO - Teve golpe de Estado em 2016? Houve ruptura institucional?

CLÁUDIO SOUZA - A democracia continua a funcionar, mas com uma baixa qualidade, com a queda no sentido de que tivemos um golpe por dentro das instituições. Esse golpe significou de uma maneira bem concisa em termo de estratégia política a construção de uma via que tensionou as instituições políticas do país. Então, é possível dizer que houve um golpe por dentro da Constituição, articulado na sociedade civil, a partir do momento que se deu a narrativa de que a saída da presidenta Dilma significaria a retomada da estabilidade econômica e funcionamento do sistema político.

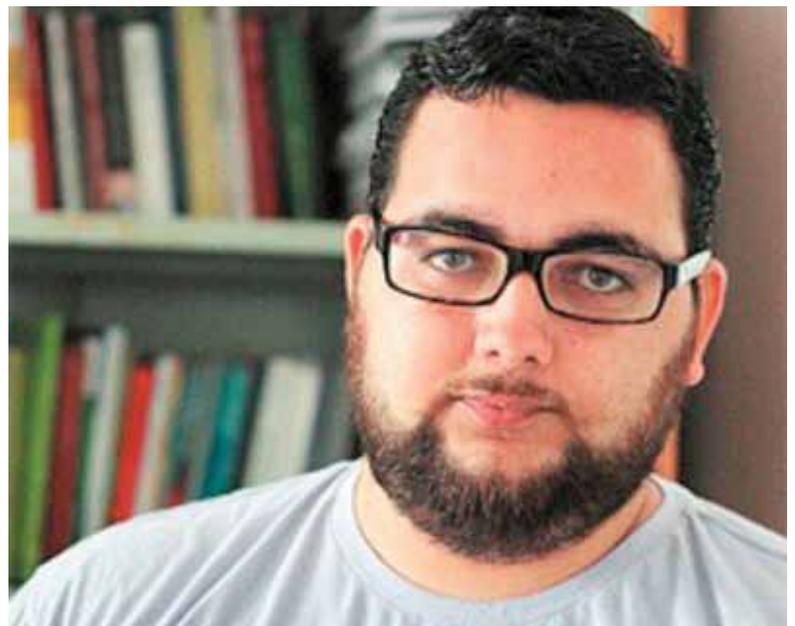
O BANCÁRIO -O impeachment teve base legal?

CLÁUDIO SOUZA - Eu entendo que tivemos o *impeachment* como uma saída de razão político-partidária. No livro é possível acompanhar a cons-

trução social e política do *impeachment*. A Lava Jato foi um fator decisivo, principalmente quando a gente ouve aquele áudio do Jucá: "O *impeachment* como um estancamento da sangria". Marca a chegada de uma pauta conservadora neoliberal e regressiva em relação aos direitos dos trabalhadores. Também esteve articulado a uma razão de salvar parte da classe política das investigações.

O BANCÁRIO -O resultado da eleição presidencial do ano passado é consequência dessa democracia minimalista que você falou no início?

CLÁUDIO SOUZA - Penso que sim. O que tivemos no Brasil de alguma maneira reflete o crescimento da extrema direita, de partidos autoritários, nazifascistas, que questionam o jogo eleitoral, parte das regras democráticas e, sobretudo o que a gente pode definir como um espírito da democracia social. A gente percebe a ascensão de grupos xenófobos na Áustria, na Grécia, no Leste Europeu, assim



Para o sociólogo Cláudio de Souza, houve um golpe dentro das instituições

como na própria Alemanha e na Espanha.

O BANCÁRIO -Então, para onde vai a política brasileira?

CLÁUDIO SOUZA - Eu vejo um tensionamento mais amplo. Uma disputa em torno da democracia com uma perspectiva de manutenção das regras do jogo do próprio liberalismo e de políticas que são prevalentes no âmbito da inclusão social, a pauta da inclusão social na democracia jamais será uma construção de valor, ou uma construção de juízo de valor político da esquerda, é uma construção histórica que vem dos dois pólos, da esquerda e da direita. Esse é um caminho, e o outro é exatamente um caminho de autoritarismo social. Pode ser um autoritarismo combinado com uma ruptura institucional, um ciclo de autoritarismo social que pode envolver a criminalização da inclusão, uma crítica muito contundente à inclusão no âmbito da cultura, que é algo muito importante para pensarmos no país.

O BANCÁRIO -O impeachment teve a intenção de beneficiar o PSDB, mas a extrema direita ganhou a eleição. Isso é real?

CLÁUDIO SOUZA - A chave explicativa para o que aconte-

ceu foi o antipetismo, a partir das manifestações pró *impeachment* de 2015. Um antipetismo de repúdio à esquerda como forma de pensar e agir. O que deu narrativa à plataforma política que levou Bolsonaro à presidência está exatamente em uma narrativa que começa em 2013, se consolida e avança nessa perspectiva retrógrada, que não somente vai culpar a esquerda, mas criar uma repulsa em relação às suas propostas.

O BANCÁRIO -O neoliberalismo nega o liberalismo? O socialismo está fora de pauta?

CLÁUDIO SOUZA - A gente vai viver um momento de debate sobre as contradições do capitalismo, e em um sentido global, as contradições estão sendo colocadas hoje de uma forma mais ampla. Os países desenvolvidos têm aumentado seu índice de desigualdade, as classes médias têm sentido dentro dos países desenvolvidos a dificuldade de reproduzir o consumo, então viver em uma sociedade de consumo sem conseguir estar inclusa gera tensões a todo momento, mas me parece que o que está posto como desafio daqui por diante, colocado de maneira histórica, é de uma reinvenção da ideia de socialismo e suas premissas.

Todo o lucro para os acionistas

Executivos recebem uma parte boa dos ganhos obtidos

ROSE LIMA
imprensa@bancariosbahia.org.br

A EXPLORAÇÃO dos bancos é muito bem traduzida nos resultados. Com ou sem crise, indiscutivelmente, o setor é o que mais lucra na economia nacional. Os números mostram. Em 2018, o ganho líquido de apenas três empresas - Bradesco, Itaú e Santander - chegou a incrível marca dos R\$ 59,7 bilhões.

Apesar do excelente desempenho, o dinheiro é distribuído apenas para poucos acionistas. No ano passado, foram distri-

buídos R\$ 36,8 bilhões aos executivos, 61,7% do lucro obtido pelas três organizações financeiras em operação no país.

Enquanto os bancos ganham dinheiro fácil, aplicando em títulos da dívida e cobrando os maiores juros do mundo, a so-

cidade é colocada para escanteio. As condições das agências e o quadro de funcionários enxuto são provas claras do descaso.

Falta bancário para prestar atendimento humanizado e a espera é longa. O empregado também sofre. A sobrecarga de trabalho é grande, a pressão é rotina. Tanto que a categoria ocupa os primeiros lugares na lista de afastamento por problemas de saúde.

Sem fiscalização, o setor pinta e borda. O Sindicato atua. Pressiona, faz manifestações, fecha agências, recorre à Justiça e tem vitórias. Mas, é preciso ação do governo federal para acabar com a farra. O pior é que com Bolsonaro o cenário só aponta mais bonança para os bancos e para o povo, nada.



JOÃO UBALDO



A presença marcante do Sindicato dos Bancários da Bahia na Bienal UNE

Sindicato dos Bancários marca presença na 11ª Bienal da UNE

A UNE (União Nacional dos Estudantes) escolheu Salvador para sediar a 11ª edição da Bienal, que celebra 20 anos. O tema é "Gil, um reencontro com o Brasil", uma homenagem à vida e obra do cantor baiano. O evento, que começou na quarta e encerrou ontem, reuniu mais de 10 mil estudantes.

O Sindicato dos Bancários da Bahia participou da mesa de debates sobre a mercantilização da educação, realizada na sexta-feira, no campus de Ondina da

UFBA. O presidente da entidade, Augusto Vasconcelos, chamou atenção para a importância da educação como estratégia para o Brasil voltar a crescer.

Augusto Vasconcelos, que também é professor universitário, foi diretor da UNE de 2001 a 2003. Passaram pela Bienal nomes de peso do cenário político do país como Manuela D'Ávila e Guilherme Boulos, além do homenageado Gilberto Gil, que abrilhantou a noite de abertura na quarta-feira.

Brasil perde bilhões ao não tributar acionistas de bancos

ENQUANTO que para o trabalhador que ganha pouco a carga tributária é pesada, para o alto escalão tudo é mais tranquilo. Itaú, Bradesco e Santander distribuíram R\$ 36,8 bilhões aos acionistas relativos ao ano passado nas formas de dividendos, juros sobre o capital próprio (JCP) e recompra de ações, que não são tributados do Imposto de Renda.

O valor equivale a 61,7% do

lucro líquido ajustado dos três bancos que, em 2018, somou R\$ 59,695 bilhões. Foram distribuídos cerca de R\$ 17 bilhões em dividendos para os acionistas.

Se o governo aplicasse a mesma alíquota à distribuição de lucros pelas empresas à cobrança dos trabalhadores com salários superiores a R\$ 4.664,68, só com os bancos, a arrecadação superaria os R\$ 4,6 bilhões.

Safra lucra R\$ 2 bilhões

NADA de crise. Com crescimento de 12,1% em relação ao ano anterior, o lucro líquido do Safra somou R\$ 2,145 bilhões em 2018. O resultado bruto da intermediação financeira teve elevação de 6,7% e ficou em R\$ 4,565 bilhões.

A carteira de crédito expandida subiu 22% no ano passado, para R\$ 107,054 bilhões. A inadimplência aumentou para 0,5% em dezembro. As receitas de prestação

de serviços avançaram 21,8% e somaram R\$ 2,040 bilhões.

O resultado com operações de seguros e previdência complementar tiveram alta de 27,2% (R\$ 254,612 milhões). As despesas de pessoal e administrativas aumentaram 15,6%, para R\$ 3,011 bilhões.

O volume total de gestão de recursos de terceiros teve crescimento de 7,7% e chegou a R\$ 233,139 bilhões.

CGPAR 25 é um perigo. SBBA resiste

Entidade debate os impactos da resolução na Funcef

ALAN BARBOSA
imprensa@bancariosbahia.org.br

A RESOLUÇÃO CGPAR 25 é um perigo. O governo quer inviabilizar os fundos de pensão e coloca em jogo a aposentadoria dos trabalhadores das estatais federais. Mas, o Sindicato dos Bancários da Bahia não aceita e debate estratégias de resistência.

Os impactos da CGPAR 25, que estabelece novas diretrizes para o patrocínio de planos de previdência complementar, como a Funcef, foram discutidos com os empregados da Caixa, no edifício Dois de Julho, Paralela, na sexta-feira.

A resolução estabelece o limite de 8,5% da folha de salário de participação para a contribuição normal do patrocinador a novos planos de benefícios.

Mais uma recomendação descabida é que as estatais federais patrocinadoras de planos de benefício definido têm de apresentar ao governo, em até 12 meses, proposta de alteração nos regulamentos com uma série de condições absurdas.

Por isso, resistir é fundamental, destaca o presidente do SBBA, Augusto Vasconcelos, que enfatizou a importância de manter a discussão ativa para a construção da consciência coletiva. "O Sindicato tem realizado diversos debates para construir a resistência a mais esse ataque contra os trabalhadores" afirmou.



JOÃO LIBALDO

Empregados da Caixa lotam auditório para discutir prejuízos da CGPAR 25

Governança e custeio da Cassi

A REPRESENTAÇÃO dos funcionários do Banco do Brasil apresentou uma contraproposta de modelo de estrutura e governança da Cassi, construído pelo Grupo de Trabalho.

As entidades reafirmaram a importância de a área de saúde do trabalhador e programas de saúde continuarem nas diretorias eleitas, justamente por elas terem relação mais sensível

com o Corpo Social, rede própria e Conselhos de Usuários. Os debates sobre a parte da proposta do BB acerca do modelo decisório e formato das eleições vão continuar.

O BB apresentou ainda na reunião, que ocorreu na última semana, proposta de custeio para servir de base para as discussões. A próxima reunião acontece no dia 19 de fevereiro.

Garanta a camisa da Lavagem

OS BANCÁRIOS associados ao Sindicato da Bahia devem garantir o quanto antes participação na Lavagem do Beco das Quebranças, que abre o Carnaval do circuito Osmar, em Salvador. É só baixar o aplicativo *Bancários Bahia*, disponível em *IOS* e *Android*, clicar na aba *Promoção* e preencher a ficha.

A lavagem acontece na quinta-feira de Carnaval, 28 de fevereiro. A concentração é às 18h, na frente do Sindicato, nas Mercês. O desfile terá muito protesto, mas sempre irreverente, com a

leveza característica da maior festa de rua do planeta. O tema é "Resistência na Folia".



SAQUE

Rogaciano Medeiros

INSUPORTÁVEL A estupidez que tomou conta do Brasil com o empoderamento da extrema direita chega ao absurdo de atacar o governo do Estado e a Prefeitura de Salvador por terem investido R\$ 1,9 milhão na Bienal da UNE (União Nacional dos Estudantes). É o maior evento estudantil da América Latina. É preciso urgentemente dar um basta nessa onda anticultural, obscurantista, que retrocede a antes do Iluminismo, tola e hipócrita por se basear em um falso moralismo. Basta.

LUCUBRAÇÃO Com o agravamento do estado de saúde de Bolsonaro, muita gente acusada de praticar a "teoria da conspiração" deve estar dizendo: "Tá vendo que eu estava certo!", como se as complicações do presidente fossem fabricadas para tirá-lo do cargo, temporária ou definitivamente. Fica difícil afirmar ou negar. Realmente, a situação estimula todo tipo de especulação, de análise, de conclusão. Haja imaginação.

FATO Embora pareça arriscado afirmar que a piora na saúde do presidente seja uma armação para tirá-lo de cena, não há como negar que, realmente, pela própria personalidade intempestiva que tem, a presença de Bolsonaro no centro das decisões do poder termina sempre por agravar as tensões, gerar conflitos e estimular exacerbações. Isso atrapalha a unidade de governo.

CRUELDADE Entre os que acreditam estar em andamento uma trama para tirar Bolsonaro do comando, prevalece a argumentação de que ele já teria cumprido o papel de levar a extrema direita ao poder, com um verniz minimamente democrático, e agora não teria mais valia. Atrapalha mais do que ajuda. Bom, não há verdade absoluta, mas as elites nativas sempre foram cruéis. Aliás, cruéis até demais.

ESTATURA "Bastou um mês para que as pessoas mais avisadas percebessem que Jair Bolsonaro e seus aliados mais próximos não têm preparo nem estatura para governar um país com 220 milhões de habitantes, dividido e destruído moralmente, literalmente caindo aos pedaços". É o que pensa o economista José Luís Fiori.

RELEVANTE Taí um dado significativo em época de exaltação às armas. A cada três dias, uma criança de até 14 anos dá entrada em um hospital do Brasil vítima de acidente doméstico com arma de fogo. Foram 518 internações entre 2015 e 2018, conforme o Ministério da Saúde. Isso antes da liberação. Relevante.